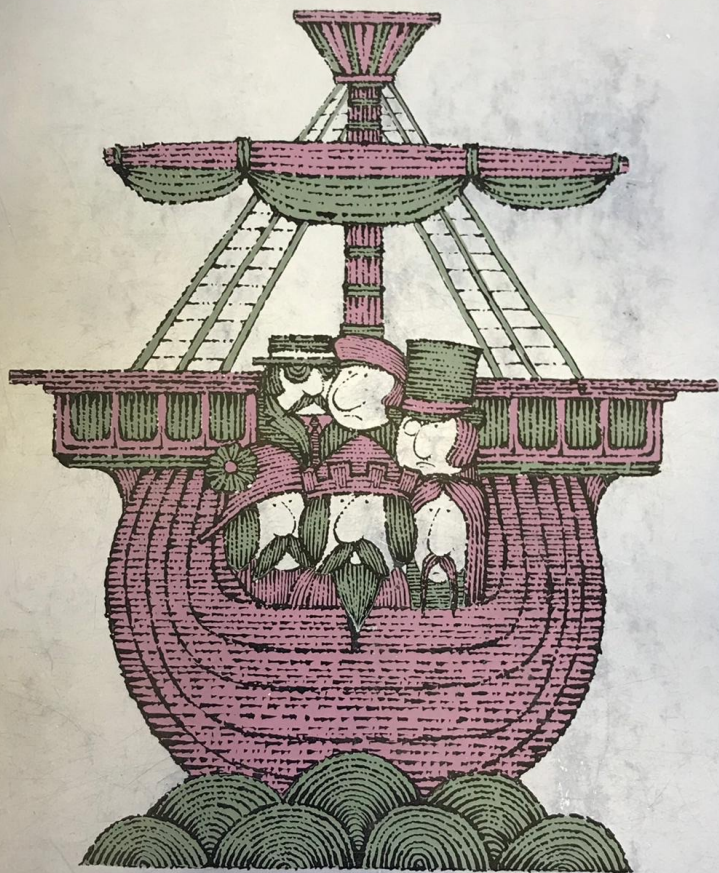


JORGE DE SENA



Os Grão-Capitães


edições
70

Dedicatória

Este livro, que consubstancia, sob a capa da ficção, algumas amargas experiências de vida lusitana, e foi escrito no Brasil, por um escritor português que é cidadão brasileiro desde 1963, e que não vive na pátria onde nasceu, e de cuja literatura é parte, nem na pátria que o adoptou na sua identidade civil, é dedicado à memória dos seus mortos luso-brasileiros ou brasileiros, alguns deles já amigos seus desde a juventude, e antes de sair de Portugal, em 1959, e outros que veio a pessoalmente conhecer e estimar mais tarde no Brasil ou no largo mundo. Um ou outro deles leu estes contos, outros nem souberam que eles existiam. Mas todos, de uma maneira ou de outra, representaram para mim, nesse Brasil em que vivi de 1959 a 1965, a companhia humana e intelectual que aliás recebi de outros que estão felizmente vivos, ou foram todos uma imagem do melhor do Brasil, ou daquela cordialidade que torna, no Brasil, os portugueses melhores. Primeiro que tudo, dedico-o à memória daqueles portugueses exilados no

Brasil, como eu então, e que como eu tentaram o difícil equilíbrio de serem inteiramente leais a duas pátrias: Adolfo Casais Monteiro, Carlos Maria de Araújo, Vítor Ramos, nenhum dos quais chegou a ver brilhar a luz da liberdade lusitana. Depois, à memória de grandes escritores do Brasil, que me honraram com a sua amizade: Erico Veríssimo, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Ribeiro Couto. E também à de Cecília Meireles que, há mais de trinta anos, primeiro me incluiu numa antologia de poesia moderna portuguesa. E, por fim, à memória dos meus queridos colegas brasileiros de Universidade, em Assis ou em Araraquara, Carlos Aldrovandi, Clemente Segundo Pinho, Dante Moreira Leite, Stanley Robinson de Cerqueira. Que esta dedicatória seja o símbolo do vazio que, desaparecendo, todos me deixaram, e daquele Brasil de que alguns foram gloriosos filhos e outros tão dignos e tão nobres representantes, filhos nativos ou adoptados. Outros mais terão morrido que nem sei, como aquele pobre carpinteiro tuberculoso de Araraquara, que era baiano, me consertava as janelas da minha casa, e, semi-analfabeto, contava intermináveis «causos» do sertão da Bahia, com uma riqueza expressiva semelhante à de Guimarães Rosa, e uma desesperada e resignada ironia, tão peculiar ao povo sofredor do Brasil e Portugal. Para todos, com a mais sentida delicadeza, o amor da humanidade, que se esconde dentro deste livro indignado, sarcástico e duro.

Jorge de Sena

1974 ao Prefácio Que se segue

Escrevi estes contos, em 1961-62, na atmosfera de um Brasil livre, aonde me exilara em 1959; e escrevi-os sem pôr peias de nenhuma espécie a toda a amargura da vida que, em Portugal, a mim como a todos havia sido dada. Ao assim escrevê-los, sabia que eles eram impublicáveis em Portugal, menos dois que poderiam sê-lo e o foram (não sem que um deles fosse muito cortado pela censura) ⁽¹⁾. Se todos, menos esses dois, eram impublicáveis, um outro, se uma publicação se tentasse, era-o mais que nenhum, *Os Salteadores*, por dizer respeito a um facto cujas linhas gerais chegaram aos meus ouvidos exactamente como o conto narra, e que envolvia a extinta P. I. D. E.

Desde pelo menos 1968, quando me foi possível enfim volver — só de visita — a Portugal, que edi-

⁽¹⁾ Ambos em *O Tempo e o Modo: Homenagem ao Papagaio Verde*, no n.º 41, de Setembro de 1966, e *O «Bom Pastor»*, no n.º 58, de Abril de 1968. Este último, que foi o que sofreu cortes, é agora publicado no seu texto integral.

tores amigos, sabedores da existência destes contos, insistiam por que fosse tentada uma edição. Mas nenhum deles havia visto os textos, e nenhum estava pois ao corrente de quanto arriscava, mesmo sem aquele conto mais «impossível», dado o realismo sem compromissos que é o deles todos. Foi por essa altura, em 1971, que cheguei a redigir o prefácio que se segue. Mas, se a censura atacara um dos contos aparentemente (e só aparentemente) menos agressivos, o que não sucederia com os outros? E o que não podia suceder às minhas possibilidades de entrar em Portugal? Assim, com plena consciência de que os contos não eram publicáveis e seriam pelo menos apreendidos se o fossem, não os cheguei a remeter nunca aos editores; e só agora alguns deles foram copiados dos manuscritos em que alguns amigos os conheceram. É com efeito agora o momento — que eu imaginei, com longo desespero, que não veria nunca — de lançá-los, nesta hora em que, nas alegrias e nas aflições de uma liberdade restituída, Portugal desperta de um pesadelo de quase meio-século. Pelas datas fictícias que na portada de cada conto vão inscritas, a acção deles cobre um quarto de século de 1928 a 1953. E é como crónica amarga e violenta dessa era de decomposição do mundo ocidental e desse tempo de uma tirania que castrava Portugal, que eles agora, uma dúzia de anos depois de escritos, devem ser lidos.

Santa Bárbara, Califórnia, Maio de 1974.

Jorge de Sena

Prefácio (1971)

É este o meu terceiro livro de contos. Gostaria de fazer algumas observações acerca da posição que ele ocupa em relação aos dois outros. Tendo escrito, e mesmo publicado dispersamente, alguma ficção nos anos 40 (que veio a ser coligida em *Andanças do Demónio*), foi em 1959-60 que a vida me deu o primeiro tempo material para prosseguir essa linha de criação literária — e imediatamente diversos contos que estavam em estado de «suspensão» se realizaram, e, juntos com os acima referidos, constituíram o supracitado primeiro volume, publicado em Dezembro de 1960. Fora dele ficara, como foi dito nas notas de *Novas Andanças do Demónio*, o conto *Os Amantes*, que foi publicado neste último, depois de ter tido alguma distribuição policopiada. Em Março de 1961, surgiu-me o primeiro conto de *Os Grão-Capitães*, cujos textos igualmente haviam esperado longamente pelo tempo material para serem defini-

tivamente escritos e concebidos (esta ordem tem significado, porque nunca concebi nada, antes de começar a escrever). E a aparição e realização deles prolongou-se até Junho de 1962, quando foi revisto o conto *Homenagem ao Papagaio Verde*. Entretanto, desde os meados de 1961 que vinham aparecendo os contos de *Novas Andanças*, segundo a cisão que registei no prefácio a este livro: o realismo fenomenológico era «grão-capitães», e o realismo fantástico era «novas andanças», separando-se as duas linhas principais que ambas estavam representadas na primeira colectânea. Em 1963, comecei a escrever o romance *Sinais de Fogo*, e, durante esse ano, toda a minha capacidade de ficção se concentrou nele. Mas, em 1964, continuando a escrevê-lo, surgiram ainda contos de *Novas Andanças* (v. g. *Super flumina Babylonis* e *O Físico Prodigioso*, por certo ambos do melhor que jamais escrevi ou escreverei). Esta colectânea apareceu em Agosto de 1966, quando já a segunda metade de 65 vinha sendo intermitentemente ocupada pelo referido romance, no que a ficção respeitava. E, assim, pode esquematicamente dizer-se que os contos da primeira colectânea foram produzidos dos anos 40 a 1960 inclusive; que os da segunda o foram de 1960 a 1964, enquanto os desta terceira pertencem exclusivamente a 1961-62, sendo que, de 1963 em diante, o que se poderia chamar realismo absoluto confluuiu inteiramente para o romance cujo 1.º tomo está em vias de ser concluído.

Nestes contos de um realismo que se quis integral, a experimentação estilística com as estruturas narrativas não é menor que nos contos de *Novas Andanças*. Apenas onde neste último livro se applicava a evocações historicistas «reais» ou fantásticas, ou à transfiguração fantástica da realidade quotidiana e banal, é, em *Os Grão-Capitães*, applicada a tornar mais reais que a realidade, e portanto tão monstruosas como o que os nossos olhos temem reconhecer na «realidade», experiências vividas, testemunhadas, ou adivinhadas nas confissões involuntárias e contraditórias de alguns dos actores.

Na verdade, o «papagaio verde» foi meu, e não apenas do meu narrador; fui eu quem esteve a ponto de morrer em Penafiel; fui eu quem assistiu àquelas cenas portuenses, onde perpassa um «choro de criança»; eu quem, testemunha omitida, participou do *strip-tease* no «Bom Pastor»; eu quem ouviu a conversa do quartel e observou os manejos descritos em «Os Irmãos»; eu quem desembarcou na Grã-Canária. Tudo aconteceu, ou terá acontecido, *quase* assim. Neste *quase*, porém, está toda a distância que vai das *memórias* à *ficção* — razão pela qual ninguém pode reconhecer-se, como eu também não, nos acontecimentos ou nas personagens. Se a matéria de *Os Grão-Capitães* é directa ou indirectamente autobiográfica — com que amargura às vezes —, a estrutura que lhe é dada é inteiramente ficção.

Não creio que, nos tempos de hoje, se possa honestamente fazer ficção de outra coisa, se se quer falar do mundo em que vivemos e da vida que nos foi

dado ter, ou a que nos foi dado assistir, nele. Mas seria um erro pensar-se, como correntemente se pensa, que a fantasia não é feita da mesma matéria: na verdade, um dos contos meus em que mais há de mim mesmo e da minha vida é o mais fantástico que escrevi, *O Físico Prodigioso*. Como seria igualmente um erro pensar-se que, na confissão memorialística, é que necessariamente as pessoas se nos recontam mais. Por paradoxal que pareça, só pode contar tudo quem tiver muito pouco para contar. E isto não por pudor que pode não existir, mas porque a vida de qualquer pessoa que haja vivido alguma coisa envolve tantas outras pessoas, e sobretudo envolvê-las-á em muitas circunstâncias que não teremos o direito de revelar identificando-as — o que, na ficção, pode ser feito a uma extensão que será impossível na confissão memorialística. Por isso mesmo é que, muitas vezes, memórias e confissões sensacionais são-no muito menos do que parecem, e falsificam a verdade muito mais do que a ficção o faria.

Contemporaneamente, a ficção realista ⁽¹⁾ tende

(1) Convém talvez acentuar, nesta hora em que tanta confusão existe em redor de técnicas aparentemente novas, e de outras que realmente o são, e das relações delas com o «realismo», que uma obra não é mais nem menos realista em função do estilo narrativo, do «ponto de vista» (em sentido técnico, é claro, e não das ideias do autor...), da indeterminação entre os planos do «acontecido» e do «hipotético», ou porque a cronologia da narrativa seja ou não arbitrária. Como Auerbach magistralmente mostrou em *Mimesis*, o «realismo» está presente na ficção, desde Homero a Virginia Woolf (e depois, se ele tivesse vivido para ampliar o seu

cada vez mais a ser ou «memórias» ou «reportagem». Mas — e por certo a crítica, presa aos seus cómodos esquemas tradicionais, será, como a história literária, a última a aperceber-se do real sentido do fenómeno — isto não sucede por um retorno simultâneo a padrões românticos, por um lado, ou naturalistas, por outro. E nem num caso nem no outro está a processar-se por um retorno estético ao «realismo» fotográfico, jornalístico, etc., ou ao exibicionismo ro-

estudo), nas mais diversas maneiras técnicas de criá-lo — na verdade, como apontámos no nosso *Ensaio de Uma Tipologia Literária*, o realismo só é definível no plano da *imaginação*, conforme o autor imagina a «realidade» ou (e o autor é «onirista», por contraposição à atitude «realista») o «sonho». Mas não se pense, como communmente se pensa, através do uso vulgar da noção de «realismo» e de termos cognatos, que o realismo é maior, se o sonho ou a alucinação não existirem, ou se houver pormenores ditos «realísticos»: um sonho pode, na realidade mental ou na arte, ir a extremos que não ficam nada a dever ao que se passe na realidade exterior apenas. E não se pense, também, que uma determinada história deixa de ser o que era, se for contada com diversas técnicas. Porque — e não tem sido destrinchado este aspecto — uma *forma externa* (que é um esquema técnico) não é necessariamente uma *forma interna*; e, se aquela pode ser aplicada diversamente, sem que por isso a obra deixe de ser o que é senão na aparência, a forma interna é a própria *estrutura em si*, e a transformação dela arrasta e cria uma específica forma externa. Por outras palavras, a obra de arte não é um vinho que possa ser servido em diversos copos: como todos os bons vinhos, se o forem, só pode ser servida nos copos adequados. Um escritor realista é, com a técnica que a sua visão estrutural exige, um escritor capaz de imaginar a realidade.

mântico de o autor ser mais importante do que a obra e esta ser interessante pelo quanto e o como o autor nela se exhibe. Em sentido convergente, também contemporaneamente as «memórias» ou a «reportagem» tendem, cada vez mais, a ser depoimentos pessoais sem pretensão à «objectividade». Porquê este duplo movimento convergente? Porque, no mundo actual, é cada vez mais evidente que toda e qualquer visão do mundo é *estética*, e que a pessoa humana nada tem a opor à arregimentação, ao conformismo, à nivelção, senão a sua própria existência que, criticamente, se forma e define, ainda que mutavelmente, não nas suas relações de aderência ou de opposição a um determinado conjunto de valores dominantes, socialmente impostos ou reconhecidos como válidos (qual antigamente acontecia), mas na consciência de que nenhum sistema de valores é válido que não na pessoal verificação a que seja submetido e em que seja livremente aceite ou recusado. Não há valores transcendentos que mereçam mais respeito que qualquer vida humana; e, se acaso esses valores alguma vez existiram, estão hoje a tal ponto impregnados de falsidade baixamente humana (ou melhor, a tal ponto eles degradaram a dignidade humana), que são ainda piores do que inexistentes. Porque não é deles que a dignidade humana é feita, mas de muito singelos e modestos valores imanentes: respeito e tolerância, honestidade e simpatia, horror do mesquinho e do medíocre, e outras destas coisas mais, como a consciência de que o mal só nasce e só existe de haver uma ideia de bem que, sendo imposta,

martiriza e mutila o esplendor de existir-se. Não é no romântico regresso à Natureza que o homem se reencontrará, como também não na busca de um mundo em que, aqui ou algures, o seu ser se dissolva. Nós somos animais que negam e sublimam a crueldade feroz e irresponsável do que se chama Natureza; e seremos humanos na medida em que o amoralismo dela se faça em nós uma liberdade em que o morder e devorar não seja mais do que carícia.

Por isso, estes contos são cruéis. Diz-se às vezes que há muito amor do mal no evocá-lo e referi-lo. E que é disso que ele se perpetua. O mal não se perpetua senão no pretender-se que não existe, ou que, excessivo para a nossa delicadeza, há que deixá-lo num discreto limbo. É no silêncio e no calculado esquecimento dos delicados que o mal se apura e afina — tanto assim é, que é tradicional o amor das tiranias pelo silêncio, e que as Inquisições sempre só trouxeram à luz do dia as suas vítimas, para assassiná-las exemplarmente. Por outro lado, o que às vezes parece amor do mal é uma infinita piedade de que os «bondosos» e os «puros» se cortaram: uma compreensão e um apelo em favor de que o amor do «bem» não alimente nem justifique a monstruosidade do mal, tanto mais monstruoso quanto mais, psicossocialmente, a idealização desse «bem» o confinou a ser. Assim, se estes contos são cruéis, a crueldade não é deles, nem de quem os escreveu, mas do que fizeram à vida. E esta só é monstruosa, não porque algo o seja *em si*, e sim porque o repouso egoísta, a ignorância, a falsa inocência, são feitas de um

sempre crescente juro de monstruosidade. Nenhum realismo o será, se recuar aflito, mas porque, aflito, não recua. Num dos meus contos, de que mais gosto, *Mar de Pedras*, fiz que um sábio que era um santo dissesse, compreendendo-os e perdoando-lhes, a ladrões e assassinos: «Nunca vos falaram como a filhos, nunca vos pagaram como a homens, nunca vos trataram como a anjos.» E creio que isto basta.

Santa Bárbara, Califórnia, Janeiro de 1971.

Nota à terceira edição

Quando, em 1978, organizei a 2.^a edição deste livro, acrescentando-lhe «Capangala não Responde», declarava numa nota inicial que ele era o único conto que, completo, ficara inédito, explicando por que não fora incluído na 1.^a edição e por que o incluía naquela.

Na realidade, outro conto estava nas mesmas condições e deveria ter sido também incluído: «Boa Noite». Foi ele escrito, como está datado, entre 29/8 e 3/9 de 1961, sendo portanto o antepenúltimo de uma série com que Jorge de Sena pretendia dar os tópicos de um panorama de rigorosa vivência de um período de trinta anos: desde 1928 («Homenagem ao Papagaio Verde») até 1958 («Boa Noite» — cuja acção aparece num primeiro plano do livro, colocada em 1957, e, noutro plano posterior, em 1958).

Quando, tendo surgido oportunidade para uma publicação brasileira, os contos me foram entregues para os dactilografar, este conto ficou de fora porque o Autor, mesmo em edição feita fora de Portugal, hesitou em publicá-lo, por ser tão clara a alusão a uma personalidade demasiado conhecida e temida, para não ser imediatamente identificada. Todavia prometia cópia deste conto a José Blanc de Portugal em carta de 28/9/62 — cópia que jamais enviou.

Apesar desta dúvida o conto prevaleceu nou-

tro plano de publicação que, para evitar problemas de Censura, seria semi-clandestina e que lhe havia sido proposta por Joaquim Soares da Costa com amiga insistência, creio que em 1972. Neste outro plano Jorge de Sena pensava incluir «sete poemas intercalados + 2 abrindo e fechando», segundo anotou.

A verdade é que Jorge de Sena demasiado necessitava visitar regularmente a *loca infecta* e as suas bibliotecas para correr o risco dessa edição que só foi possível em 1976. E, a tal ponto a hesitação permanecia (ou até o esquecera) que nem sequer o dactilografou, como já então o fazia ele mesmo, quando não escrevia directamente à máquina.

Por certo que esta dúvida me foi comunicada e tão arreigadamente, que de todo esqueci a existência deste conto até que me foi necessário verificar os originais correspondentes a este livro e dei pela falta de um que, evidentemente, não estava entre eles...

Aqui o incluímos, pois, com as desculpas ao leitor pela anterior errada informação (uma vez que continuo a não ter em conta não só os contos inacabados como os que Jorge de Sena escreveu na sua adolescência e que terão oportuna publicação).

Quanto à ordem, dentro do volume, demos-lhe a que o Autor lhe dera no seu plano original: depois de «Os Salteadores» e antes de «Capangala não Responde» (que, por sinal, colocada a acção dele em 1961, estava fora dos limites pretendidos — 1928/1958 — o que deve ter sido também razão para ter sido excluído da 1.^a edição).

Santa Bárbara, Califórnia, 4 de Agosto de 1981.
Londres, 25 de Fevereiro de 1982.

Capangala não responde

*A excisa virilidade de Urano caiu no
mar inquieto, aonde, da terra firme,
Cronos a lançara. E por muito tempo
vogou desencontrada.*

apud Teogonia de Hesíodo

«Africa, 1961»

— Capangala?

— Patrulha 20 chama Capangala.

— Capangala?

— Patrulha 20 chama Capangala.

— Um momento, trrrr... Capangala?

— Patrulha 20 chama Capangala.

— Já ouvi. Espere. Capangala?

— Patrulha 20 chama Capangala.

— Capangala não responde. Zzzzzzzz. Tique.

Pousou o telefone na caixa, levantou-se (estava de cócoras ao lado da caixa. De mãos nos bolsos, ficou a olhar o telefone de campanha, adiante das biqueiras das botas. O 37, esparramado nas ervas baixas e empoeiradas, roncava num sibilo como o do telefone. Voltou-se. O 401, sentado no chão, com os braços cruzados nos joelhos, levantava para ele um rosto parado e mudo, onde os olhos pareciam muito negros na lividez quadrada de rosto de menino imberbe. Ao lado do 401, estavam pou-sadas as pistolas-metralhadoras, os cunhetes de munição, os sacos de granadas, as mochilas. Per-correu com os olhos o campo que, para além da aberta em que estavam, era um mar de capim ralo que lhe chegava ao peito. Uma, duas árvores

negras sem folhas. Os cocurutos dispersos como sentinelas, e amarelados, dos formigueiros.

— Patrulha 20 chama Capangala.

— Zzzzzz...

— Patrulha 20 chama 18. Patrulha 20 chama 18. Patrulha 20 chama 18.

— Zzzzzz... — novamente se levantou, mas não se voltou para o 401. A voz deste é que veio despertá-lo.

— Também não respondem? Já não respondem. Foram mortos. A esta hora, nesta hora, estão a capá-los, a...

— Cala-te! — berrou sem se voltar.

— Vamos morrer aqui. Se a gente se separa, matam-nos. Se nos agarram juntos, matam-nos. Essa negralhada toda a esfaquear-nos. Mas eu antes queria que ninguém me visse morrer.

Voltou-se: — Porquê?

O 401 desviou para o chão os olhos negros, pousou nos braços a cabeça: — Tenho vergonha.

— Vergonha?

— Sim... Não é de que *ma* vejam, mas de que tu ou aquele ainda estejam vivos e vejam eles caparem-me.

— Não te rales; só te fazem isso depois de morto.

— É a mesma coisa.

— A mesma coisa... — e levantou os olhos para a planura onde o ar tremia sobre as ervas. — Para que precisas tu *dela*, se estás morto?

Quando fixou o 401, os olhos negros estavam fitos nele, muito arregalados, numa ânsia.

Repetiu: — Para quê? Se estás morto...

O 401 estirou as pernas, deixou cair o tronco, ficou deitado, com os olhos vagueando nas nuvens baixas e brancas, e pôs as mãos cruzadas sob a nuca. Depois, voltou a cabeça, cuspiu para o lado,

e o cuspo ficou escorrendo do canto dos lábios. Com os olhos envesgados, fitou o cuspo que escorria. A voz veio molhada por entre os dentes: — Capangala... Que raio de nome!... Meteram-nos numa boa alhada.

O outro não respondeu, e sentou-se no chão ao lado dele, do lado do cuspo, e estirou-se apoiado no cotovelo. A mão brincou com a poeira fina, fazendo riscos, ora com um dedo, ora com outro. — Vamos ficar aqui?

— Não me perguntas a mim, pergunta a esses filhos da puta dos teus amigos que nos mandaram para cá.

— Ninguém me mandou.

— Porque eras dos trouxas, dos que vieram para salvar esta merda. És dos que sabem tudo e mais alguma coisa, dos que mandam... Eras «legionário», não?

— Não era. Eu alistei-me.

— Ah foi? Pois cá a mim convocaram-me. E é porque naquela terra maldita não há onde um homem se esconda. Ou não me pilhavam aqui.

— Eles pagavam um prémio... Eu alistei-me.

— E que fizeste com o prémio? Foste às putas da alta cinco vezes ao dia até embarcares?

O outro riu silenciosamente, e respondeu:

— Mais ou menos... — e, pigarreando, corrigiu:

— Não. Eu precisava de me escapar de lá.

O 401 tornou a cuspir, e os dedos dele vieram rodear a saliva em que o pó se colava. Sem levantar os olhos, perguntou: — Qué que tinha sido?

— Oh, muita coisa.

— Mas o quê? Mataste, roubaste, fodeste alguma gaja? E não era melhor ficares na cadeia vivo do que morto aqui?

De súbito, ambos estavam de joelhos, segurando as armas, fitando as ervas pardacentas, quase

sem cor, que pareciam mexer suspeitamente no ar que tremia.

— Não foi nada — disse o 401, mas a pele mais lívida era-lhe percorrida por tremuras como a de um cavalo ao sol. — Conta. Qué que tinha sido? — e não desfitava a planície, com os olhos saltando rápidos de um ponto para outro.

— Nunca matei ninguém. Fodi muita gaja que nunca se queixou.

— E eram todas virgens. Desvirgaste muitas?

— Algumas.

— Como é?

O outro olhou-o de esguelha, num relance:

— Como é?

— Sim... Foram todas à primeira? Rebebastaste logo com aquilo?

O outro, sem desviar os olhos da planície, tirou do cano da arma a mão esquerda que se crispou, espalmou-a recurva na massa do sexo, que apalpou. — Ahn? Que é que tu julgas que isto é?

O 401 calou-se, suspirou. Depois, rindo, sentou-se nos calcanhares, com a metralhadora no regaço, e perguntou:

— Mas então qué que tu fizeste? Roubaste? Eras ladrão fugido?

O outro sentou-se também nos calcanhares, baixou os olhos, abriu a boca, tornou a fechá-la, depois curvou-se para a poeira amarelada, e foi para ela que falou: — Nunca roubei nada. Mas eu queria viver bem. Não trabalhar. Trabalhar, para quê? Eu não tinha ninguém. Lancei mão de tudo. Fui informante.

— Informante? Eras «bufo»?

— Bufo, não. Eu andava com este e com aquele, falava com este e com aquele, e depois pagavam-me as informações.

— E foi por isso que te alistaste?

— Quando eu tinha estado na tropa, não precisava de pensar no que havia de fazer no dia seguinte. A gente, com arte, safase, e a cama e mesa não prestam, mas não faltam. E eu não aguentava mais. Todos desconfiavam de mim.

O 401 sentou-se de lado, voltado para ele: — Deixa lá, não penses nisso. Agora, já não adianta. Eu tinha um bom emprego numa oficina. Quando algum vinha à surrelfa conversar comigo, assim como tu havias de fazer, eu não dizia nada. Também não tinha nada que dizer. Essas coisas não eram para mim. Havia polícias, havia bufos, e o meu emprego também. Eu nem sabia que a África existia, nunca lia jornais. Ia casar-me — e repetiu, erguendo o olhar vago: — Ia casar-me.

Os olhos pousaram na cabeça do outro, ainda cabisbaixa. O outro sentiu o olhar, levantou os seus, sorriu. O 401 sorriu também, e disse: — Deixa lá, ao menos gozaste a vida.

O outro continuou a sorrir, jogou no ar um grãozinho maior da terra ressequida: — Não gozei... Era sempre outra coisa o que eu queria.

— Mas às vezes foi bem bom, não foi?

— Foi.

— Vês? Foi bem bom. Gozaste a vida. E não gostas de lembrar-te dos bons bocados que tiveste? Agora, tás a lembrar-te, não estás? E só dos bons bocados, não é?

O outro ficou calado. E, de repente, deitou-se de bruços, sacudido por soluços fundos, dando socos no chão, batendo no chão com as biqueiras das botas.

O 401 acocorou-se, pousou-lhe as mãos nas costas, segurou-lhe depois a cabeça por um punhado de cabelos louros: — Não chores... Tás a lembrar-te? Tás a lembrar-te de que uma vez nem dormiste, toda a noite em cima dela? Tás a lembrar-te de

que uma vez foi na praia, ao domingo, entre as pedras, e que se ouviam os putos a jogar à bola? Tás a lembrar-te de uma sardinha assada? Tás a lembrar-te de que ela te mordia? Tás a lembrar-te de que uma vez foi numa escada escura? Tás a lembrar-te de que passavas por diante da janela e ela mexia as cortinas para tu subires? Tás a lembrar-te de que ias à janela do comboio, e os montes iam andando à volta? Tás a lembrar-te delas todas? E do que comeste? E do cheiro que vinha dos restaurantes? E duma gravata às riscas que havia na montra? E de fazeres músculo diante do espelho? Tás a lembrar-te de tudo?

O outro voltou-se, com os olhos cheios de lágrimas, e a boca suja da poeira amarela: — Como é que tu sabes? Quem foi que te contou?

O 401 ficou a olhá-lo, abanou a cabeça: — Ninguém... São tudo coisas que eu pensei.

O outro sentou-se, esfregou os olhos com as costas da mão: — É que a gente pensamos todos o mesmo?

O 401, ainda de cócoras, disse: — Se calhar, é.

Ficaram ambos quietos. E o outro perguntou muito baixo: — Mas tu perdoas-me o mal que eu fiz?

O 401 não disse nada.

Ambos fitaram o 37 que continuava deitado de costas, sibilando pela boca entreaberta.

— Ó 54... — começou o 401. — Será que ele é com'a gente?

— Há-de ser. Não vês como ele dorme?

— Eu durmo assim? Com a boca aberta? Já viste?

Entreolharam-se, riram.

O sol rompeu por entre as nuvens, dardejou, o 37 sentou-se espavorido, esfregando os olhos, e

logo procurou com as mãos a arma que estava do outro lado da clareira.

Os outros entreolharam-se e tornaram a rir.

O 37 fitou-os com os olhos piscos.

O 401 falou-lhe: — Estamos isolados. Ninguém responde. Acabou-se.

O 37 levantou-se num ímpeto e imediatamente se agachou: — Ninguém responde?

— Não, se queres, experimenta.

— Há quanto tempo não respondem?

— Sei lá — e voltou-se para o 54: — Há quanto tempo?

O 54 encolheu os ombros.

— Então vamos recuar, voltar à base — disse o 37.

— Qual base? — perguntou o 54, e deu uma cotovelada no 401.

— Capangala. Voltamos a Capangala. Não vamos ficar aqui.

— Vai tu sozinho — disse o 401.

O 37 olhou demoradamente para um e para outro. Depois, repetiu: — Sozinho?

— Sim — respondeu o 54. — A gente não sai daqui. O 401, a gente sai daqui?

— Não — disse o 401.

— Tás a ver? A gente não sai daqui.

— Mas, se a gente aqui fica, estamos perdidos!

— Ora! Tanto faz a gente perder-se aqui como lá. Matam-nos de qualquer maneira. Toda esta pretalhada é contra nós.

— Não é verdade! São fiéis — disse o 37. — Só esses bandidos que vieram do Congo é que querem matar-nos. São pagos para isso.

O 54 deu uma cotovelada no 401. Este olhou-o de relance. Riram ambos; e o 54 disse: — Ah são? Também os teus amigos me pagaram muitas vezes.

— Os meus amigos? Que é isso dos meus

amigos? Quem são os meus amigos que te pagaram? Pagaram para quê?

— Ora... Para saberem quem estava farto de os aturar. E sempre te digo uma coisa. É muita gente. O 401, não é muita gente?

O 401 baixou os olhos. O 54 tornou a dar-lhe uma cotovelada: — Anda, diz-lhe que são muitos. Não tenhas medo. Agora, já se pode dizer.

O 401, sem levantar os olhos, repetiu: — São muitos... — e acrescentou: — Mas eu não sei se são muitos... Tu é que sabes. Mas se fossem muitos, os outros não atiravam com a gente para aqui. Se fossem muitos, era diferente. Se calhar, não são muitos.

O 54, então, disse de olhos pregados no 37: — São muitos, garanto que são muitos, o que todos ou quase todos têm é medo de gajos como esse.

— Como quem? — perguntou o 37.

— Como tu — respondeu o 54.

— Como eu? O que vocês são é uns merdas, uns maricas, uns comunistas.

O 54 deu outra cotovelada no 401: — Tás a ouvir o que ele diz?

— Estou — disse o 401.

— E a gente vai deixar esse gajo chamar-nos aquilo tudo? Eu conheço esse gajo de ginjeira. É dos que passam a vida a bater no peito, a dar vivas ao Salazar, a pensar que a gente somos todos uns merdas. O 401, nós somos merdas?

— Não — respondeu o 401.

— Vês? — disse o 54 ao 37. — Nós não somos merdas. Olha, e maricas também não, que isso de dar vivas ao Salazar é que é uma maneira de levar no cu como outra qualquer.

O 37 atirou-se a ele, rebolaram ambos engalfinhados, derrubaram o 401 que se enovelou no grupo. A poeira levantava-se em torvelinhos lentos

que ficavam pairando sobre eles. Por fim, o 54 tinha o 37 a torcer-se debaixo dele que o montava e lhe socava a cara, enquanto o 401 lhe segurava os braços. A resistência do 37 afrouxava, as pernas já não se agitavam. O 54 ia perguntando: — Tens a tua conta? Queres mais? Tens a tua conta? — até que o outro, com os lábios ensanguentados e o nariz a escorrer sangue, ficou quase inerte sob ele.

O 54 desmontou, ficou acororado ao lado. Largando os braços do 37, o 401 acororou-se do outro lado. O 37 gemia. Por cima do corpo estirado, o 54 perguntou: — Ó 401, a gente somos maricas?

— Não.

— E ele? É?

— Tanto me faz que seja como que não seja.

— Isso mesmo. E comunistas, a gente é?

— Lá na oficina, uma vez, quiseram pedir aumento de salário, o patrão chamou a polícia, e os gajos vieram e chamaram comunistas a toda a gente. Mesmo aos que não tinham pedido nada, como eu. Achas que a gente é?

— Só se por bater nele — disse o 54 e, agarrando o queixo do 37, sacudiu-o e perguntou: — Tens a tua conta? Que é que a gente é?

O 37 não respondeu. A custo, ergueu-se num cotovelo, depois sentou-se curvado para a frente, e disse: — Não podemos ficar aqui, à espera que nos matem. Temos de vender cara a vida, para que não se diga que não morremos com honra.

— Com quê? — perguntou o 54.

O 37 murmurou: — Com honra.

— Qual honra? A tua? A minha? Aqui a do 401? A dos teus patrões? Quem é que se rala com isso? E quem vai saber como é que tu morreste? Queres que venha o teu nome no jornal? É para ganhares uma medalha? Dão-ta de qualquer ma-

neira. E, depois de morto, podes pendurá-la no lugar dos colhões que os pretos te cortarem. Até pode ser que te dêem duas, uma por cada um, se é que tens dois.

E o 401 disse: — Vamos tentar outra vez o telefone?

Os três olharam para a caixa, e o 37 gatinhou para ela, sentou-se ao pé, limpou com a mão os lábios e o nariz ensanguentados, pegou no aparelho, tentou demoradamente comunicações sucessivas. Os outros dois, olhando-o, continuaram de cócoras. O 37 pousou o aparelho, ficou com os olhos nele, depois ergueu-os para ambos: — Ninguém responde:

— Claro que ninguém responde — disse o 401.
— Ou estão mortos todos ou cavaram para longe.

— Foram buscar reforços para atravessarem até aqui.

— Espera por essa — disse o 54, e penteou com a mão o cabelo louro. — Quem julgas tu que tu és?

— O meu pai foi ministro.

— O teu pai foi ministro e tu és soldado como a gente? — gargalhou o 54. — Pois o meu pai era o papa.

— Eu não estudei, e não quis livrar-me da tropa.

— Ah não? Então aguenta.

— E podia ter-me livrado de vir para aqui, porque bastava que o meu emprego dissesse que precisava de mim para o esforço de guerra, e o meu pai falasse no Estado-Maior.

— Falar onde? Esforço de quê? — perguntou o 54. — Olha lá o esforço que fazes. Já não precisas de fazer esforço nenhum. O 401, não é que até para cagar não vai precisar de esforço? Quando os pretos aparecerem, borra-se logo pelas pernas abaixo.

O 37 passou a mão pela boca, não reagiu, e apenas disse seccamente: — Mesmo que isso me acontecesse, é uma reacção automática, não prova nada contra a minha decisão de lutar pela pátria.

— Olha lá — perguntou o 401, lançando ao 54 um olhar rápido, — tu és de Angola? Já cá tinhas vivido?

— Não sou de cá, nem vivi aqui mais do que vocês — e, após um silêncio, acrescentou: — Nunca tinha saído de Portugal senão para ir à Espanha, a França...

— Ah, o teu pai pagava-te as viagens, não era? — perguntou o 401. — E na Espanha qué que tu fazias? Fodias as espanholas? E na França?

O 37 franziu o sobrolho.

— Não lhe fales nessas coisas que ele não gosta — disse o 54. — Não gostas, pois não? Era só às escondidas do padre-confessor, hein?

O 37 empertigou-se: — Não te admito...

— Não admities o quê? Não admities o quê? Olha, sabes que mais? Mete a tua pátria no cu. Sabes o que é a pátria que a gente tem? Que tu e os outros nos deixaram? Sabes aonde está a nossa pátria? A pátria está onde está isto — e agarrou com a mão no sexo.

O 401 riu-se, e logo o riso se lhe suspendeu, vendo o 37 levantar-se lentamente, com os queixos cerrados, as mãos estendidas, e de pronto debruçar-se cambaleante à saraivada de tiros.

O 54 continuava de cócoras, mas a pistola-metralhadora ainda estava erguida nas mãos dele.

O 401 caiu sentado, com as mãos na boca, olhando ora para ele, ora para o 37 que estava deitado de bruços. As mãos do 37, estendidas, pareciam aranhas prontas a saltar-lhe para as botas, e o 401 encolheu as pernas. Depois, olhou para o 54 que pousara a pistola-metralhadora.

O 54 abriu para ele um sorriso torcido e ajoelhou-se. Baixando os olhos, disse: — Então ninguém havia de pagar-mas? Eu nunca acreditei nessas coisas... mas ele julgava que eram só dele?

O 401 tirou as mãos da boca e murmurou: — Está morto?

— Não sei. Volta-o.

— Eu?

— Sim. Volta-o.

O 401 gatinhou em redor do 37, parou-lhe ao lado, ergueu para o 54 uns olhos suplicantes.

— Volta-o — sibilou o 54, entre os dentes cerrados.

O 401 voltou-o. No lugar em que estivera o corpo, a poeira estava empapada de sangue. Na camisa e nas calças, havia chamuscos vermelhos e orlados de poeira amarela. O 37 tinha os olhos muito abertos, eram claros, e o rosto moreno torcia-se num esgar de que o nariz comprido se afilava mais.

— E se se descobre que ele foi morto com balas nossas? — perguntou o 401, sem despregar os olhos da boca aberta do 37.

— Ora, quando nos matarem a nós, hão-de servir-se depois das nossas armas. E, de resto, ninguém vai ver como é que ele morreu.

— Tu mataste-o.

— Ele ia matar-me a mim.

— Sabes lá!

— Nem preciso.

— És um assassino.

— E tu? Ainda ontem, eu contei, mataste três pretos, aqueles que iam a correr, e tu mataste-os como se fossem bonecos de pimpampum.

O 401 fitou-o: — Não é a mesma coisa.

— Não é a mesma coisa, porque...

Silvos perpassaram sobre as cabeças de ambos.

O 401 levantou-se e agachou-se logo, tropeçou no cadáver, e caiu com as mãos ao pé de uma pistola-metralhadora que agarrou: — Aí estão eles!

O 54, ajoelhado, com outra pistola-metralhadora nas mãos, disse: — Ainda demoram... Mas não vão querer que a gente gaste as munições. E hão-de querer a gente vivos...

O 401 tremia e, a custo, saiu de cima do cadáver: — Querem a gente vivos — repetiu.

— Bem sabes porquê.

— Não. Não.

— Sim, bem sabes porquê. Senão, não tinha graça.

— Não, não — e tremia.

— Foge — disse muito baixo o 54.

— Ahn?

— Foge...

O 401, com o suor a escorrer-lhe pela testa e pela cara, levantou-se nas pernas bambas.

— Corre...

O 401 vacilou e atirou-se para o meio das ervas, correndo aos arrancos. O 54 levantou-se, foi à borda da clareira, visou com a pistola-metralhadora, e disparou uma rajada longa que fez o 401 levantar os braços, parar, sumir-se.

— Vês que não é a mesma coisa? — disse o 54.

Assis, 25 de Junho de 1961.